

PR/MCT/CNPq  
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI  
COLEÇÃO EDUARDO GALVÃO

# POVOS DAS ÁGUAS: Realidade e perspectivas na Amazônia

(Organizadores: Lourdes G. Furtado, Wilma Leitão e Alex Fiuza de Mello)

Belém - Pará  
1993

# PYRÁ - ATIVIDADE PESQUEIRA ENTRE OS PARAKANÃ

*Antonio Carlos Magalhães<sup>1</sup>*

**RESUMO** - *Este artigo apresenta uma análise preliminar sobre a pesca entre os índios Parakanã, tribo tupi no Estado do Pará. Além de dados sobre a pesca em geral, este estudo destaca a pesca com timbó, ponto alto da atividade pesqueira Parakanã.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Índios, índios Tupi, Parakanã, Pesca, Timbó, Amazônia

**ABSTRACT** - *This article presents a preliminary analysis of some data on fishing among the Parakanã Indians, a Tupi tribe of the state of Pará. Besides data on fishing in general, this study focuses on fishing with "timbó" (rotonone plant), the high point of Parakanã fishing.*

**KEY WORDS:** Amerindians, Tupi Indians, Parakanã, Fishing, Fish poison, Amazonian.

---

<sup>1</sup> SCT/PR/CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi - Depto. de Antropologia. Caixa Postal 399 - Cep 66040 - Belém, Pa.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta alguns dados sobre a atividade pesqueira em geral e sobre a pesca com o timbó, em particular, realizada pelos índios Parakanã, povo tupi-guarani, habitante da região situada entre os cursos médio dos rios Tocantins e Xingu, no Estado do Pará. Os Parakanã, cuja autodenominação é *awa eté* [gente de verdade], somavam, à época da pesquisa, um total de 532 pessoas (dados de 1992), e, em 1993, alcançam a 557 indivíduos, desvelando um aumento percentual da ordem de 4.6%, muito acima da média nacional.

Esses índios vivem em duas áreas distintas; a primeira, denominada Área Indígena Parakanã, demarcada cf. decreto n. 91.028/85, e no interior da qual se encontram os aldeamentos Paranatin e “Marujewara”, está localizada na microrregião de Marabá entre os rios do Meio, Bacuri, Pucuruí, tributários diretos e indiretos do rio Tocantins, tendo a oeste o rio Pacajazinho, um afluente do rio Pacajá, e a leste a Transamazônica (Figura 1). A segunda, denominada Área Indígena “Apyterewa”, situada na microrregião de Altamira, tem o seu território delimitado pelos Igarapés Bom Jardim, São José, Águas Claras e Rio Branco de Cima, desde as suas cabeceiras, tendo o rio Xingu como seu limite oeste (Figura 2)<sup>2</sup>.

Atualmente, conforme dados de 1993<sup>3</sup>, o aldeamento Paranatin, localizado à margem direita do igarapé homônimo, um tributário indireto do rio Pucuruí, possui uma população de 233 pessoas, cerca de 41,83% do total, ao passo que o aldeamento “Marujewara”, situado à margem esquerda do rio do Meio, abriga cerca de 134 indivíduos, correspondendo a 24,05%. O aldeamento “Apyterewa” ou Bom Jardim, localizado à margem direita deste Igarapé, um afluente direto à margem oriental do rio Xingu conta, por sua vez, com uma população de 190 pessoas, portanto cerca de 34,11% do total.

---

<sup>2</sup> A Área Indígena “Apyterewa”, mesmo tendo os seus limites territoriais aprovados pelo Ministério da Justiça, ainda não foi efetivamente demarcada. Em face das invasões nela existentes, o que determinou ação judicial impetrada pelo Núcleo de Direitos Indígenas [NDI], a juíza da 4a. Vara Federal em Brasília determinou, em 15/01/93, a interdição da mesma e a retirada das madeiras Perachi, Maginco e Impar da área “Apyterewa” e a suspensão das suas atividades *ilegais* no território Parakanã; após recurso impetrado pelos invasores, o Tribunal Regional Federal manteve a decisão tomada pela juíza da 4a. Vara Federal.

<sup>3</sup> Os dados sobre os totais populacionais de 1993 foram obtidos junto ao Programa Parakanã, para os aldeamentos Paranatin e “Marujewara”, enquanto que a Administração da FUNAI/Altamira forneceu os dados referentes ao aldeamento Bom Jardim.

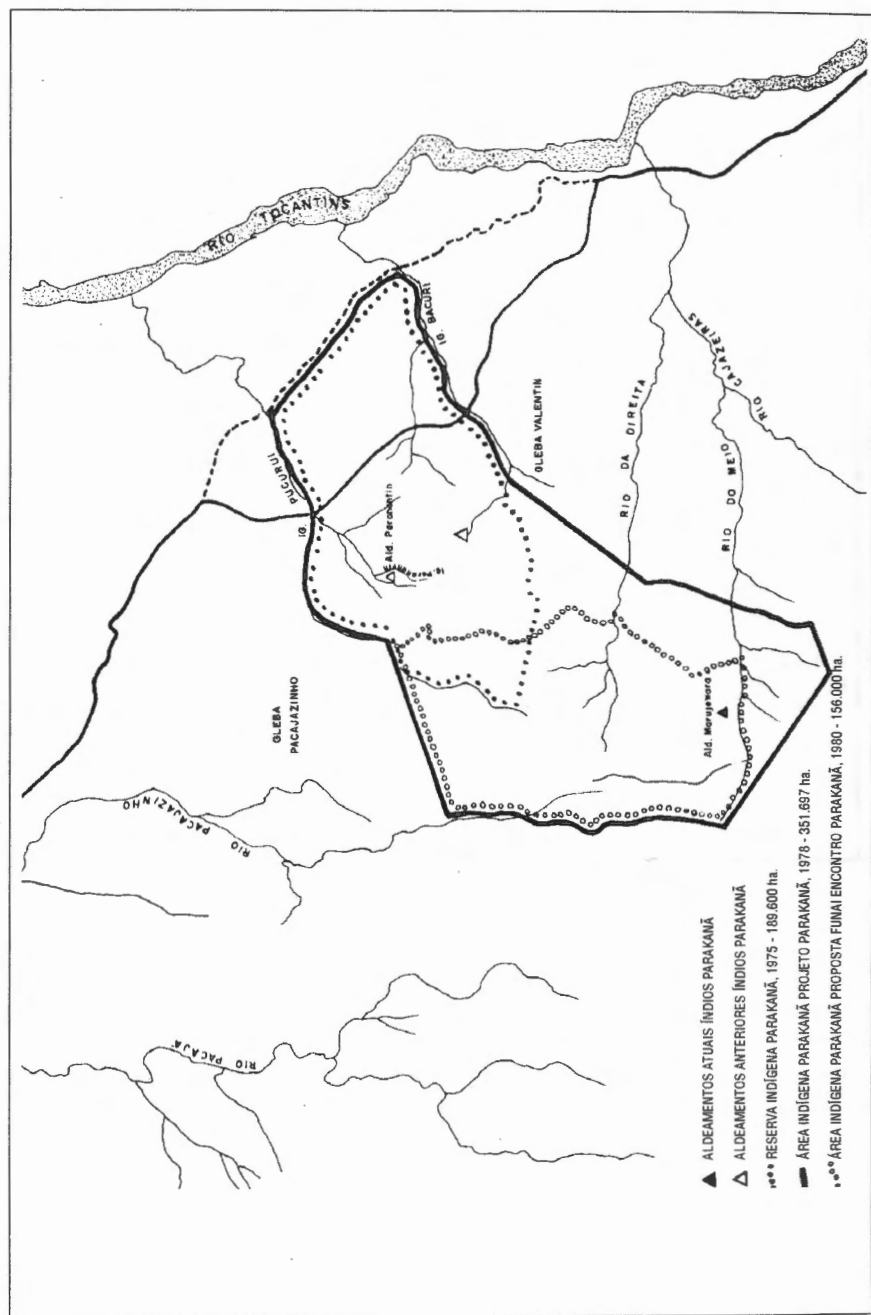
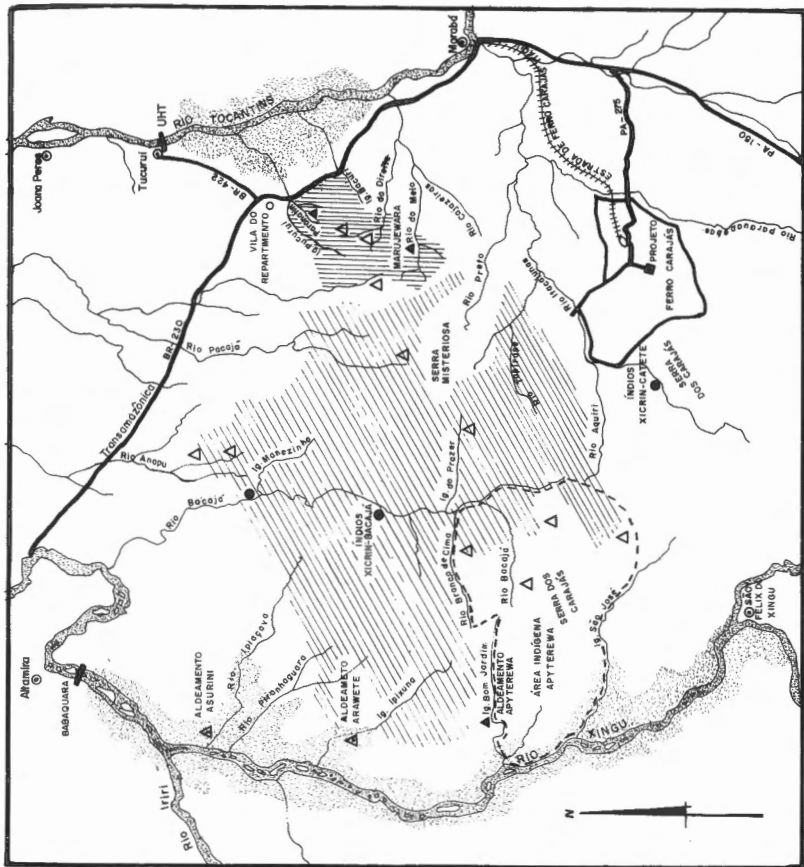


Figura 1 -



### LEGENDA

- ▨ ÁREA INDÍGENA PARAKANÃ, DEMARCA/1985
- ▧ ÁREA DE PERAMBULAÇÃO INDÍOS PARAKANÃ
- ▲ ALDEAMENTOS ATUAIS INDÍOS PARAKANÃ
- △ ALDEAMENTOS ANTERIORES INDÍOS PARAKANÃ
- ◻ ALDEAMENTOS INDÍOS TUPI-GUARANI
- ALDEAMENTOS INDÍOS KAIAPO
- - - ÁREA INDÍGENA PARAKANÃ - BOM JARDIM / PROPOSTA 1985/61

Figura 2 - ESCALA 1:100.000

Os Parakanã habitam área de terra firme e praticam a agricultura de queima e coivara com o plantio de arroz, banana, milho, etc., e onde se salienta a cultura da mandioca, principal produto da roça e que é transformada em farinha pelas mulheres. A banana e o cacau, este de introdução recente, estão endereçados também para o comércio. A coleta atende principalmente às necessidades do consumo, com o jabuti e frutos diversos, tais como o cupuaçu, a bacaba, o coco de babaçu, o ingá, o açaí; este último e a castanha-do-pará são também comercializados no mercado regional.

A região é formada por uma grande quantidade de igarapés e igapós, os quais durante o inverno amazônico (dezembro a junho) inundam as suas margens, e, durante o verão (julho a novembro), secam quase totalmente. Rios caudalosos como o Pucuruí, o rio do Meio e o Bom Jardim, perdem, então, parte considerável de seus volumes d'água, tornando quase impossível a navegação. A rigor, rios e igarapés, de modo geral, não são dos mais piscosos; contudo, tanto a região do rio Cajazeiras, onde está incluído o rio do Meio, como a do rio Pucuruí, fornecem uma maior quantidade de peixes à dieta Parakanã. A região do rio Bom Jardim possui também um potencial ictiológico considerável, tanto em número quanto em variedade, provavelmente pela significativa influência das águas do Xingu e do Bacajá, cujo alto curso deste último rio encontra-se no interior do território "Apyterewa".

### *A atividade pesqueira*

Habitantes das margens de pequenos cursos d'água e não sendo tradicionalmente canoeiros, os Parakanã têm na pesca - *Pyrá*, termo que designa tanto o verbo pescar como o peixe em geral - uma atividade subsidiária à obtenção de alimentos. Na verdade, isto pode ser observado também entre vários outros povos tupi-guarani<sup>4</sup>, exceção feita aos Kamayurá e Aweti, pertencentes ao complexo xinguano, e aos Kawahiwa dos rios Tapajós e Madeira (Menendez 1989), por exemplo. Entre os Asurini do Tocantins, que se encontram culturalmente muito próximos aos Parakanã e em gerações passadas teriam constituído um só povo (Magalhães 1990), Andrade (1985)

---

4 Laraia [1986 (1972)]; Wagley & Galvão (1961) consideram que, entre os Tenetehara, a caça se sobrepõe à pesca, da mesma forma que entre os Ka'apor Balée (1984), ou, entre os Araweté, Viveiros de Castro (1986). Gallois (1988, 1989) observa que para os Waiãpi, a pesca adquire a mesma importância da caça.

observa que, embora a caça se constitua na principal fonte alimentar, a pesca adquire hoje maior importância se tomada em comparação ao período pré-contato.

Os Parakanã , anteriormente ao contato, pescavam com arcos e flechas cujas pontas podiam ser de madeira com pequenas farpas de osso extraído da canela de veado, ou ainda com ferrões de raias, incrustados numa sumba de madeira. Hoje, é mais comum o uso de anzóis e de linhas de náilon, adquiridas no mercado regional. Nos rios, além de linhas e anzóis, são utilizadas a tarrafa e a rede de pescar, adquiridas em lojas comerciais de Tucuruí, Marabá, ou mesmo Belém. Nos igarapés, além da combinação linha/anzol, pode-se utilizar a malhadeira ou mesmo esticar um espinhel entre as margens, embora esta última forma seja bem menos usual. Diferentemente da caça, cujos arcos e flechas são extremamente bem elaborados, os arcos de pesca são feitos com certa displicência, a partir de pequenos galhos pegos quase ao acaso, mas com boa curvatura; o encordoamento, em geral, é uma tira de envira, ou, fios de algodão. As pequenas flechas são confeccionadas a partir dos talos de palmeira, notadamente a de inajá, no mais das vezes sem emplumação. Estes arcos e flechas, utilizados durante a pesca com o timbó, são semelhantes àqueles usados tradicionalmente pelas crianças no aprendizado cotidiano ao flechar calangos, catitas, ratos, ou mesmo alguns frutos existentes junto aos aldeamentos como o mamão, a laranja, etc.

Entre os Parakanã , a pesca, via de regra, é praticada de três formas: a individual ou familiar por um grupo de irmãos ou um grupo de pessoas pertencentes à mesma categoria de idade; e de forma coletiva. A primeira tem por local o ponto de banho no igarapé (trata-se da pesca de barranco) e é realizada através da combinação linha/anzol por um homem que, acompanhado ou não de sua esposa e filhos menores, decide prover de alimento a sua família, visto a ausência de caça, por exemplo. Neste caso, a pesca realizada pelo casal pode ser considerada também como um momento de refúgio para o namoro.

A segunda forma é a realizada por um grupo de irmãos reais ou classificatórios e pode ser feita através do conjunto linha/anzol, de tarrafa, ou, de malhadeira. Para este conjunto e, ou, tarrafa, desce-se o igarapé até

que se encontre um local considerado bom para pescar<sup>5</sup>. Na pesca com tarrafa, verifica-se uma distribuição de tarefas; isto é, realizada por duas ou três pessoas, uma delas ficará na proa da embarcação de onde arremessará a tarrafa, face a sua habilidade em manuseá-la, enquanto as demais remam. Simultaneamente, os outros ocupantes da canoa podem pescar com linha/anzol. A pesca com malhadeira consiste, no mais das vezes, em duas pessoas armarem a rede entre as margens do igarapé, o que acontece ao final da tarde, retirando-a ao amanhecer. No que respeita à pescaria por um grupo de pessoas pertencente à mesma categoria de idade, em geral, envolve crianças e, ou, adolescentes que utilizam a canoa e levam apenas anzol/linha, a não ser que um deles saiba manipular a tarrafa. É bastante comum se ver jovens ou mesmo crianças ainda pequenas, pertencentes às categorias de idade *konomia* (de 5/6 a 8/10 anos) e *oparamé* (de 10/12 a 17/18 anos), saírem a pescar nos igarapés próximos ao aldeamento. De fato, a presença das crianças nas pescarias é bem mais constante, do que a dos adultos.

A terceira e última forma de pesca praticada pelos Parakanã, são as grandes pescarias coletivas, realizadas especialmente com o timbó (veremos adiante), ocasião, que é vista como de certo caráter festivo. A participação em conjunto de homens e mulheres adultos só se verifica durante esta pescaria, quando os homens na faixa etária *awaramé* (de 18 a 25 anos) ou *awaramé kwera* (25 a 40 anos) nela tomam parte<sup>6</sup>.

Hoje, entre os Parakanã de Paranatin, há uma outra forma “coletiva” de pescar. Um grupo de trinta/quarenta homens, crianças inclusive, decide ir pescar no rio Pucuruí e para isto toma-se o caminho existente no aldeamento, que os deixa nas margens daquele rio. Dali, partem em canoas previamente levadas para o local (às vezes, elas são colocadas no próprio caminho), subindo o Pucuruí cerca de um, dois ou mais km. Tem início a pesca com linha/anzol e tarrafa. Esta breve viagem de caminho às margens do Pucuruí, cerca

<sup>5</sup> Um dos critérios para que o local seja visto como adequado é a existência de árvores frutíferas como a sapucaia p. ex., ou de palmeiras como a babaçu, situadas às margens dos igarapés e cujos frutos caídos n'água são apreciados pelo traíra, pelo pacu, etc.

<sup>6</sup> *awa* = gente/homem; *amé* = marcador temporal presente, agora *awaramé* - homem/jovem agora; *kwera* = marcador de tempo passado, *awaramé kwera* - aquele que foi jovem; *oparamé*, onde *pa* provem de *pãp* = v. acabar + *o* = nominalizador + *amé* - “aquele que acabou agora, referindo-se à categoria anterior, *konomia*; ou, como dizem os Parakanã - “aquele que tá começando, que tá aprendendo”.



de trinta km, serve também para que os Parakanã acertem seus jogos de futebol com os colonos da Transamazônica para o fim-de-semana próximo, adquiram bombons, bolachas, fumo, etc. junto às “baiúcas”, os pequenos comércios locais. Durante a viagem através do ramal de interligação entre o aldeamento e a Transamazônica, cerca de oito km, dá-se carona àqueles que se endereçam à mata para caçar ou à procura de um local para a caça de espera; às mulheres que vão às roças cortar maniva, banana, pegar batatas, etc. A viagem é plena de comentários sobre as árvores que estão florindo ou frutificando (indicadores de boas caçadas), sobre as aves observadas, as cutias, camaleões, cobras e lagartos, às vezes, um veado ou mesmo uma onça, que atravessam rapidamente o estreito ramal. Um jabuti, ou mesmo um tatu, distraído certamente estará com as suas horas contadas, pois alguém saltará do caminhão e o levará para um bom jantar. Enfim, “pescar de caminhão” é uma forma de passear, é uma “festa”.

No rio Pucuruí, como no rio do Meio e no Bom Jardim, são utilizadas linhas de grosso calibre, em geral a 0,80 ou mesmo 100, pois não são raros os peixes de 12/15 kg, ou mais. Nos igarapés mais próximos ao aldeamento como o Andorinha e seu tributário o Paranatin, onde os peixes em geral são menores e não ultrapassam, via de regra, um ou dois kg, utilizam-se linhas de menor calibre, entre 0,30 e 0,50. Os Parakanã de “Marujewara” costumam descer o rio do Meio em canoas à procura dos poções que se constituem em formidáveis pontos pesqueiros. Os Parakanã do aldeamento “Apyterewa”, além de subirem o igarapé Bom Jardim em busca dos poções, descem-no até a sua confluência com o Xingu em face da maior quantidade de peixes ali existentes. Tanto no rio do Meio como no Bom Jardim, os peixes se equivalem em peso aos do Pucuruí. As iscas utilizadas para a pesca com o conjunto linha/anzol são produtos das sobras de carne de caça, ou então, de um pequeno pássaro morto momentos antes para este fim; peixes pequenos pegos na tarrafa também são utilizados como isca.

Ainda que não se constituam numa iguaria de destaque, é possível listar uma quantidade considerável de peixes consumidos pelos Parakanã, como: acará, acari, bicudo, cachorra, jacundá, jandiá, jaú, mandi, pacu, piau, piranha, poraquê, surubim, traíra, trairão, tucunaré, etc. A região do rio do Meio, sem dúvida, é a mais farta, apresentando, além de uma maior quantidade dos peixes já mencionados, vários tipos de pescada, caranha, curimbatá e, de acordo com os regionais, às vezes peixe-boi e pirarucu. Quanto aos Parakanã

do Igarapé Bom Jardim, há igualmente uma grande quantidade de peixes, quer pela proximidade do rio Xingu, quer pela do rio Bacajá. Além dos peixes mencionados, é possível encontrar a pirara, e os mais jovens pescam, ou melhor, mergulham e pegam com as mãos peremas e tracajás, embora estes não façam, tradicionalmente, parte da dieta Parakanã.

A culinária Parakanã revela algumas formas preferenciais de se preparar o pescado. Assim é que o moqueamento é a forma mais usual, enquanto que o cozimento, embora utilizado, é mais raro. Hoje em dia, entretanto, em Paranatin e em “Marujewara”, os peixes também são fritos em óleo, em face da influência regional; o poraquê, todavia, é preparado sempre no moquém. Os caranguejos são raros e só conheci duas variedades: o menor, de cor mais clara e denominado *wakwatin*, consome-se espremendo-o entre as mãos junto ao mingau de inajá, preparado no pilão; o maior, de tonalidade mais escura e denominado simplesmente *wa*, é moqueado.

Para os Parakanã, é a quantidade de peixe obtida que determina se o produto será repartido com as demais pessoas de um mesmo grupo doméstico ou não. Em geral, quando a pesca é de linha/anzol, o seu produto é consumido individualmente ou pela família nuclear. Quando a pesca é realizada com tarrafa ou mesmo de malhadeira, a quantidade de seu produto pode favorecer o consumo daqueles que, por qualquer razão, não puderam participar da pescaria.

Por outro lado, e ainda que a rigor não possa ser considerado como pesca, visto que são abatidos com espingardas e assim estar relacionado diretamente ao verbo caçar [*wata*] e não pescar [*pyra*], os Parakanã consomem algumas variedades de jacarés como o jacaretinga [*jakaretin*] e o *jacaré una* [*jacaré-coroa* ?]. O primeiro é consumido preferencialmente pela família nuclear, por ser considerado muito pequeno para uma refeição maior, enquanto que o *jacaré una* é consumido apenas ritualmente, durante o verão. O jacaré-açu [*jacaré xiwan*], existente em quantidade considerável na região, não é consumido.

Embora os Parakanã não tenham na pesca atividade das mais importantes, o mundo aquático é pleno de significados. É aqui que, em termos míticos, são encontrados os seus ancestrais. A raia, existente em grande profusão nos igarapés e igapós da região é tida como a avó [*xaria* / *miarria* = avó /raia] dos *awa eté* e não é por eles consumida. O *jacaré una* é o avô [= *amuna* / *jacaré una* = *uré ramuna* - nosso avô], sendo consumido por

todo um grupo local, durante o cerimonial denominado *jakaré werojunawa* que numa tradução livre significa “aquele que carrega o jacaré às costas”, em referência ao mito do jacaré que teria perseguido o primeiro *awa eté*, quando este tentava atravessar um igarapé<sup>7</sup>. Mesmo não consumido, é do desenho existente às costas do *jakaré xiwan* que os Parakanã retiram os motivos para uma das pinturas corporais mais utilizadas quer no cotidiano, quer em períodos cerimoniais; o próprio animal, inclusive, empresta seu nome a esta pintura. Além disso, e ainda que jamais tenha registrado tabus alimentares rígidos tanto para peixes de escama, quanto de couro, pude registrar que as mulheres recém-paridas não consomem o piau, visto que provocaria dores no baço da criança. Por outro lado, ao se estar em guerra com outros índios, aos homens é vedado o consumo do piau, do poraquê, do jacaretinga, pois enfraquecem os guerreiros Parakanã, levando-os à morte durante um conflito com o inimigo<sup>8</sup>.

No âmbito de uma sofisticada elaboração sobre o cheiro, a sociedade Parakanã classifica os peixes todos na categoria *pitiô*, enquanto vivos ou crus. O *jakaré xiwan* é classificado como *pitiô eté* e, possivelmente, por isso não é consumido, ao passo que o *jakaretin* e o *jakaré una* são classificados como *ikatim*, termo este que designa ainda o cheiro de outros animais como

---

<sup>7</sup> Rituais referentes ao mundo animal, como o do porco-do-mato, do tatu-canastra, da onça, etc., e também da guerra, unem dois espaços cerimoniais Parakanã: a roda-dos-fumantes [*tekatawa*] e parte do terreiro entre as casas [*okopepe*]. O cerimonial do *jakaré una* une três dos quatro espaços cerimoniais existentes nos aldeamentos Parakanã, somando-se àqueles a *tokaxa*, a casa cerimonial destinada ao ritual do *opetyô* [cerimonial do cigarro, o mais importante conjunto ritual Parakanã]. Enquanto a preparação do ritual do jacaré é feita na *tekatawa* e seus cantos e danças no *okopepe*, é na *tokaxa* que o *jakaré una* será cozido e devorado coletivamente, pelos mais velhos - a partir da categoria de idade *awaramé kwera*. No ritual que presenciei em 1992, entretanto, pude observar que jovens casados também consumiam o *jakaré una* no terreiro, fora da *tokaxa*, enquanto que algumas mulheres o faziam, mas em casa. Os Parakanã, no entanto, afirmam que o *jakaré una* é comida dos velhos, o que justifica o seu consumo no interior da *tokaxa* - o espaço que possibilita a comunicação com o sobrenatural no ritual do *opetyô*; fato este que os *awaramé kwera* estão aprendendo, e que só os mais velhos, os *mororowa*, na verdade conhecem.

<sup>8</sup> Os Parakanã mencionam também espíritos que vivem embaixo d'água e denominados *akaria*, semelhantes aos humanos, mas que têm o cabelo comprido. Em Paranatin soube de sua existência, quando do retorno de duas jovens do banho no igarapé - ele estava sentado num pedral, com o rosto voltado para a margem oposta a do aldeamento. Jamais consegui aprofundar minhas investigações a esse respeito.

porco-do-mato e o caititu, por exemplo<sup>9</sup>. Afirmam, ademais, que o porco-do-mato, o caititu, o *jakaré tin*, o *jakaré una*, como também os urubus e os tatus todos, estão classificados nesta mesma categoria em razão de possuírem em seu dorso, junto à nuca, um pequeno calombo de onde exala o cheiro classificado como *ikatim*. A categoria olfativa *ikatim* corresponde, pois, a uma conotação positiva [*ipiê katu* = cheiro bom]; ao passo que os classificados na categoria *pitiô* têm conotação negativa [*ipiê katu 'ym* = cheiro ruim]. Ademais, os Parakanã classificam o timbó numa categoria gustativa<sup>10</sup>, *iram* [amargo], indicador também do estado de *magro* para animais, de caráter negativo - “carne boa, é carne gorda”. Nesta mesma categoria estão incluídas também espécies do mundo vegetal como a castanheira, o jatobá, o cedro. A neutralização dos cheiros considerados perigosos e ruins, o que denota a impropriedade do consumo desses produtos em seu estado natural, é obtida através do moquear e do cozinhar.

#### *A pesca com timbó*

O uso de plantas tóxicas com o objetivo de asfixiar e matar peixes é registrada há bastante tempo pela literatura etnográfica. Na mitologia indígena, em geral, o aparecimento do timbó está associado ao aparecimento da agricultura, ou à origem de doenças, como entre os Mundurucu, os Bororo, os Kayapó, etc. [Levi-Strauss 1971 (1967), 1985 (1964)].

Na mitologia Parakanã, o timbó não está associado ao aparecimento da agricultura e jamais me foi feita qualquer associação entre timbó e doenças. Na verdade, o timbó aparece “en passant” no mito do jacaré-açu, e que os Parakanã chamam “história do jacaré”, durante a relação estabelecida entre este animal, o pavãozinho-do-pará e o primeiro *awa eté*. De todo modo, permite a compreensão do surgimento dessa modalidade de pesca, como também de parte das relações sociais Parakanã [v. anexo I].

---

<sup>9</sup> Andrade (1992) registra para os Asurini do Tocantins categorias semelhantes para cheiro; os peixes possuem *ipitiu*, enquanto que o porco-do-mato, o caititu, etc., são classificados como *ikatim*. Os jacarés estão na categoria *ipitiu/ikatim*.

<sup>10</sup> Os Asurini do Tocantins classificam o timbó na categoria *ipitiu*, mantendo-o, portanto, na categoria olfativa (Andrade 1990).

Diferentemente de alguns povos indígenas, como os Ka'apor (Balée 1984, Ribeiro 1974), os Munduruku (Frikel 1959) e também os Achuar (Descola, 1986), por exemplo, os Parakanã não cultivam plantas destinadas a pescarias. Além disso, a coleta e o manuseio do timbó competem exclusivamente aos homens, ao contrário do que se verifica entre os Ka'apor, para quem a manipulação do timbó, ou de algumas de suas variedades, pode ser feita indistintamente por homens e mulheres.

A pesca com timbó é a única forma de pesca coletiva nos relatos Parakanã. A sua realização revela que, de certo modo, há o mesmo princípio de organização observado usualmente na caça; ou seja, o prevaletimento dos grupos de descendência na distribuição espacial do território. Em outras palavras, pesca-se nos igarapés que atravessam os caminhos de caça, distribuídos estes em conformidade com grupos de descendência<sup>11</sup>. Em geral, pessoas pertencentes aos *Tapi'pya* pescam no Paranatin ou junto s cabeceiras do Pucuruí; ao passo que as *Wirapina* e *Apyterewa* se endereçam à região do Andorinha e do rio Bacuri, por exemplo. Quando realizada nos igarapés próximos ao aldeamento, a pesca com o timbó pode se constituir em atividade de um grupo maior, reunindo pessoas de diversos grupos domésticos, pertencentes a um mesmo grupo de descendência. Por outro lado, não há igarapés destinados apenas à pesca com o timbó, podendo ser os mesmos de onde é retirado, pelas mulheres, o barro para a confecção da cerâmica, por exemplo.

Na pesca propriamente dita, os Parakanã utilizam dois tipos de cipós, e os denominam *tyma* e *tymaruna* [sufixo *una* = escuro, preto]. Este último é considerado de efeito mais fraco que o anterior pelos Parakanã de Paranatin, pois mata pouco peixe<sup>12</sup>. Diferentemente de outros povos indígenas, no entanto, os Parakanã não fazem qualquer tipo de barramento nos igarapés;

---

<sup>11</sup> Os Parakanã estão constituídos por cinco grupos de descendência - *Tapi'pya*, *Apyterewa*, *Wirapina*, *Mikotywena*, *Marujewara*, que de certo modo articulam as relações sociais. O aldeamento Bom Jardim é o único a conter representantes de todos os grupos; em Paranatin, são encontrados representantes para os três primeiros e em "Marujewara" para os quatro últimos. Sobre grupos de descendência entre os Parakanã (Magalhães 1982, 1985, 1990).

<sup>12</sup> Não foi possível identificar tais espécies; entretanto, alguns regionais informaram tratar-se de timbó-bravo e timbó-açu. A diversidade na eficácia dos venenos encontrada pelos Parakanã também se faz notar entre os Ka'apor, para os quais dentre as cinco variedades conhecidas, três delas são mais eficazes (Balée, 1984).

simplesmente, esperam a água baixar o suficiente para que possa ser processada a pescaria com o timbó<sup>13</sup>.

A pesca com timbó é realizada entre os meses de setembro e novembro e, em geral, não tem hora determinada para se iniciar. Por várias vezes, pôde-se observar os Parakanã irem pescar em horários conhecidos como impróprios no mundo ocidental, como as dez, onze, ou duas da tarde, mas se ter bons resultados.

Uma das pescas com timbó (Figuras 3 -5) que presenciei em 1992 teve início por volta das 10:10 h e foi realizada no igarapé Paranatin, junto a um dos pontos de banho utilizado por famílias de um mesmo grupo doméstico e de um mesmo grupo de descendência. Dois irmãos se encarregaram de coletar o timbó; às proximidades do igarapé, descascaram seus ramos e os cortaram em partes iguais de aproximadamente 0,50 cm. Juntaram os ramos cortados em um feixe e os amarraram ao meio com tiras de envira, levando-o em seguida à beira do igarapé; colocaram-no sobre um pedral onde ora um, ora outro, batiam no feixe com um pedaço de madeira pego ao acaso, tendo sido previamente extraída a sua entrecasca. Feito isto, adentraram o igarapé empurrando o feixe pela superfície d'água, parando, algumas vezes, próximo às margens. Em outros momentos, mergulham-no e o suspendem acima do nível d'água e agitam-no, para que o veneno se espalhe mais rapidamente.

Enquanto os dois irmãos batiam o timbó, alguns jovens e mesmo crianças comentavam sobre os locais onde os peixes apareciam ou indicavam para onde se deveria agitar o feixe. Permaneciam à margem do igarapé, ou sobre um pedral à espera da oportunidade de flechar os peixes que vinham à tona. Constituíam-se, na verdade, num momento de grande alegria dos participantes e de gozação àqueles que erravam a pontaria. As mulheres, que geralmente pegam os peixes com as mãos durante a pesca com timbó, naquela ocasião, onde estavam presentes as esposas dos dois irmãos, apenas apreciavam a pescaria e, vez por outra, quebravam cocos de babaçu.

---

<sup>13</sup> Baldus (1970) para os Tapirapé e Wagley & Galvão (1961) para os Tenetehara informam o uso de tapagens para a pesca com timbó; Muller (1987) menciona que os Asurini do Xingu utilizam a técnica da barragem conjugada a um passarela que se eleva do nível d'água numa das extremidades. Schaden (1974) registra para os Guarani o uso do timbó conjugado ao *pari*, um tipo de armadilha de talas e varas. Fausto (1991) informa que os Parakanã do Bom Jardim cercavam pequenos cursos d'água com "armadilha de ripas de paxiúba...". Eu jamais soube do uso desta técnica e, em Paranatin e em "Marujewara", ripas de paxiúba só passaram a ser utilizadas recentemente como paredes de casas, por influência de funcionários da FUNAI.

A atividade pesqueira, no entanto, passa por momentos de mudanças significativas com a construção da Barragem de Tucuruí. No aldeamento Paranatin, aquele que mais efeitos sofreu com a Usina Hidrelétrica, além das nuvens infindas de mosquitos, as macrofitas, conhecidas popularmente como mururé ou aguapé, cobrem hoje boa parte do rio Pucuruí e alguns de seus afluentes, constituindo-se num dos maiores depósitos de larvas de mosquitos, e de mutucas. A Fundação Nacional de Saúde capturou, em 1989, cerca de 4.303 mosquitos de uma única vez, detectando uma taxa altíssima de mais de cem picadas homem/hora, o que inviabiliza a presença humana e também de animais domésticos na região. O controle de insetos só tem sido possível em razão do uso de inseticidas, sobre os quais não têm sido realizados estudos de seus efeitos à população. Pescar, caçar, viver hoje na região próxima ao lago de Tucuruí se constitui muito mais numa tarefa de coragem não só dos Parakanã, mas de toda uma população, regional inclusive.



Figura 3 - *Monewa* bate o timbó num pedral, às margens do Paranatin [Foto. ACM, 1992, ald. Paranatin].



Figura 4 - *Xiwaipya* agita o feixe de timbó no Paranatin [Foto. ACM, 992, ald. Paranatin].



Figura 5 - criança sai do igarapé com o peixe que flechou [Foto. ACM, 1992, ald. Paranatin]



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L. 1985. "Asurini do Tocantins", in *POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, Sudeste do Pará - Tocantins*, vol. 8, Carlos Alberto Ricardo [Coord.], São Paulo, CEDI.
1990. *O Corpo e o Cosmos - Relações de Gênero e o Sobrenatural entre os Asurini do Tocantins*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Depto. de Antropologia, São Paulo, mimeo.
- BALDUS, H. 1970. *TAPIRAPÉ - Tribo Tupi do Brasil Central*, São Paulo, Ed. Nacional/Edusp.
- BALÉE, W. 1984. *The Persistence of Ka'apor Culture*, Columbia University, Tese de Doutorado, mimeo.
- DESCOLA, P. 1986. *LA NATURE DOMESTIQUE - symbolisme et praxis dans l'ecologie des Achuar*, Paris, Fondation Singer-Polignac.
- FAUSTO, C. 1991. *Os Parakanã : casamento avuncular e dravidiano na Amazônia*, Museu Nacional/UFRJ, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, mimeo.
- FRIKEL, P. 1959. *Agricultura dos índios Mundurucu*, Bol. Mus. Para Emilio Goeldi, nova série, Antropol. Belém (4).
- GALLOIS, D. 1988. *O Movimento na Cosmologia Waiãpi: criação, expansão e transformação do mundo*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Depto. de Antropologia, Tese de Doutorado, mimeo. 1989. *Ka'a eté: Waiãpi, povo da floresta*, Acervo Plínio Ayrosa, Universidade de São Paulo, Depto. de Antropologia, São Paulo.
- LEVI-STRAUSS, C. 1971. *DE LA MIEL A LAS CENIZAS*, México, Fondo de Cultura Economica. 1985. *LE CRU ET LE CRUIT*, Paris, Librairie Plon.
- MAGALHÃES, A.C. 1982. *OS PARAKANÃ : quando o rumo da estrada e o curso das águas perpassam a vida de um povo*, Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo, Depto. de Antropologia, mimeo.
- MAGALHÃES 1985. "Os Parakanã", in *POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, Sudeste do Pará - Tocantins*, vol. 8, Carlos Alberto Ricardo [Coord.], São Paulo, CEDI.
- MAGALHÃES 1990. "O Espaço Cerimonial entre os Parakanã", in *XXX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia*, Florianópolis, mimeo.
- MENÉNDEZ, M. 1989. *Os Kawahiwa - uma contribuição para o estudo dos Tupi Centrais*, Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo, Depto. de Antropologia, mimeo.
- PROGRAMA PARAKANÃ, 1993. "Sub Programa de Saúde - Sistema de Informações de Saúde", Belém, Pa.
- RIBEIRO, D. 1974. "Os índios Urubus: ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical", in *URA sai à procura de Deus - Ensaios de etnologia e Indigenismo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- SCHADEN, E. 1974. *ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA GUARANI*, São Paulo, Edusp.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1986. *ARAWETE: OS DEUSES CANIBAIS*, Rio de Janeiro, Zahar.
- WAGLEY, C. GALVÃO, E. 1961. *OS ÍNDIOS TENETEHARA - UMA CULTURA EM TRANSIÇÃO*, Rio de Janeiro, MEC - Depto. de Imprensa Nacional.

## Anexo I

[mito coletado no aldeamento Paranatin, 1987]

### Mito do jacaré

*Awa eté* tá atravessando rio grande em cima do jacaré, mas não sabia que era jacaré, pensava que era pau, tronco de árvore. Quando chega no meio do rio, o jacaré afundou e depois bóia de novo e fica rodando no meio do rio. Quando chega perto da beira, a pessoa quer pular, o jacaré afunda de novo; no meio do rio, ele bóia de novo. Aí, jacaré passa perto da beira, quando o *awa eté* quer pular o jacaré afunda de novo, até que o *awa eté* pula na beira. O jacaré, então, anda atrás dele.

O pavãozinho-do-pará [*haka*] tava botando timbó na água e pergunta: — Por que tu tá correndo?. O *awa eté* responde: — O jacaré tá correndo atrás de mim, quer me escolher, prá me comer. Aí *haka* fala: — Eu vou escolher tu e engole o *awa eté*.

Aí jacaré chegou e perguntou: — Onde tá o cara?. *Haka* responde: — Eu não sei, não.

O jacaré fala: — Vomita prá mim. O *haka* vomitou só peixe.

O jacaré andou um pouco mais e voltou. Perguntou pro *haka*: — Onde tá o *awa eté*?. *Haka* respondeu: — Não sei, não; não vi, não. Aí o jacaré falou pro *haka*: — Vomita de novo. O *haka* vomitou só peixe. Aí, o jacaré falou: — Tá bom, eu vou embora, e foi. Aí, o *haka* voou prá bem longe e vomitou o homem, o *awa eté*. Aí o *haka* ensinou o *awa eté* a pescar com o timbó<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Devo salientar que o mito acima relatado mostra uma relação diferenciada da encontrada entre outros povos tupi, no que respeita à aquisição do timbó. Entre os Parakanã, o timbó é dado como já passado por uma transformação; portanto, em seu estado líquido. Não se faz menção se o timbó aqui é proveniente de coleta ou de cultivo. Estabelece-se uma relação de perseguição/fuga/auxílio entre os personagens, culminando com a fuga e o salvamento do *awa eté* através da ação de comer/vomitare. Comer e vomitar são as principais ações. Este salvamento do *awa eté* pelo *haka* parece fundamentar parte das relações sociais Parakanã. Assim é que, entre estes tupi-guarani encontram-se formas de relações sociais denominadas de amizade formal. Uma dessas formas, que acontecem exogamicamente entre os grupos de descendência, é nomeada *tywa*, forma pela qual é também classificado o *haka*.